



O CASTELLO DE SANTIAGO DE CACEM.

A VILLA de Santiago de Cacem, na provincia do Alemtêjo, e bispado de Béja, está situada na encosta oriental d'um outeiro em cujo cume campeam as ruínas d'um antigo castello. Pela posição elevada em que está, e pela solidez e rijeza de seus murtariaes, mostra ter sido o dominador do paiz circumvisinho. A sua cêrca ou muralha era rodeada de dez torres, de que só existem nove, porque uma foi derrubada em 1822 quando se edificou a frontaria da igreja situada em um dos angulos do sul. Destas nove torres, cinco são redondas e quatro quadradas, sendo a collocação destas ultimas — duas nas frentes de sul e norte, e duas nos angulos do poente. Tem no centro seu alcaçar fortificado, sua cisterna espaçosa, e sua torre de menagem [de que apenas metade está em pé]. O desenho precedente mostra o lado oriental: devia appresentar quatro torres; porem a igreja occupa, como disse-mos, o lugar da primeira da esquerda.—A sua origem perde-se nas sombras dos seculos. Se foi fundação dos fenicios, dos romanos, dos godos ou dos arabes, quem o sabe?—A historia nada diz a este respeito, e apenas os monumentos e a tradição elevam sua debil voz.

A pouco mais d'uma milha ao nascente deste castello, sobre outra eminencia, junto á ermida de S. Braz, se vêem os restos d'outro forte de diversa construcção, e ao parecer mais antigo. Sendo prior desta matriz Bonifacio Gomes de Carvalho, mandou em 1800, por ordem do Ex.^{mo} bispo de Béja, D. Fr. Manuel do Cenaculo, fazer ahi excavações: o resultado foi achar-se uma escada de pedra, que finalisava em uma casa cuja abobada estava cahida.—Nesta mesma excavação se acharam cinco pedras de marmore contendo inscrições romanas, funerarias, que se lêem perfeitamente, alguns penates, e uma figura da divindade protectora dos jardins; o que o Ex.^{mo} Cenaculo levou: e um pedaço de pedra em que se viam distinctamente as lettras — *Porta Civit....* Esta pedra desappareceu: é provavel que esteja sepultada em algum

cabouco, ou que o marrão a reduzisse a estilhas. — Na parede do adro do hospital está encravada uma pedra quadrada, em cuja inscrição, já gasta, se lê ainda — *Esculapio Deo.* — Estes e outros monumentos confirmam ser esta villa a Mirobriga dos antigos, occupada depois pelos romanos; e d'aqui se póde colligir que o castello de S. Braz [nome que lhe dão por estar junto á ermida] era fundação deste grande povo, visto os monumentos que ahi se acharam e se estão achando (1).

A fundação de *Mirobriga* é attribuida aos *cyprios*, no dominio dos celtas, se acreditarmos Manuel de Faria e Sousa. Eis suas palavras: — « Junto á la « villa de Cacem fundó esta gente [*cyprios*] la ciudad « de Mirobriga: verdadero testimonio son de su as- « sientos sus vestigios. Resultó el nombre de las ofli- « cinas de fundir metal con artificio estremado, pro- « prio destes fundadores, que por ello se llamavan « Mirones. La primera mitad deste nombre junta al « otro de Briga [que es fortaleza, y comun á casi to- « das las de España] hizo el de Mirobriga, qui tam- « bien fué celebre por las excelentes obras, desta « calidad, vistas en ella: y conocida por el culto « que seguia de Vulcano, Dios de tales fabricas, « cuya imagen bien esculpida fué hallada en sus « ruinas. »

Por estas palavras se vê qual foi a sua origem. Os romanos occupando-a depois, ahi deixaram vestigios bem evidentes de seu dominio.

Mas quem fundou o castello de que primeiro fallámos? Será obra dos fundadores de Mirobriga? será fundação dos romanos? Não o sabemos.— Só po-

(1) No anno de 1841 succedeu que andando um trabalhador apanhando pedra junto das ditas ruínas, descobriu um tumulo de cinco palmos em quadro, fechado com abobada d'alvenaria: dentro continha muitos ossos quasi desfeitos, um vaso, á maneira de garrafa, de vidro; um copo; um anel de prata em cuja pedra se via esculpida uma figura acavallo; uma especie de chuço; e uma moeda de bronze, em que ainda se distinguem as lettras — S. C. Achou mais em diversos sitios grande quantidade de telha e tijollos: sendo estes de 2 palmos de compr. e 1 ½ de larg.

demos saber alguma cousa a seu respeito do reinado de D. Diniz por diante. — Ouçamos primeiro Antonio Coelho Gasco, nas suas antiguidades de Coimbra — c. 26.

«Foi a esclarecida princeza D. Bataça filha do infante Lascaro, que era filho de Theodoro Lascaro, filho do imperador da Grecia, Carlo João Bataço [ou Vatace], e da nobre imperatriz Herene, sua primeira mulher. Depois da morte do imperador succedeu em seu imperio Theodoro Lascaro seu filho, e por seu fallecimento deixou seus filhos em guarda do tyranno Paleologo, que barbaramente os mandou matar, e usurpou aquelle imperio; por esta causa, esta nobre infanta se intitulava filha do imperador dos gregos; veio a Aragão reinando elrei D. Pedro, trouxe consigo duas filhas que teve, sendo casada com o conde de Vintemillia, e deixou um filho em Genova, chamado João Lascaro, que foi conde de Vintemillia. As filhas se chamavam D. Violante, D. Beatriz da Grecia, e D. Bataça, que é a de que escrevemos. D. Violante casou com D. Pedro, neto de elrei D. Jaime, de que houve successão; e D. Bataça veio a este reino de Portugal por aia da rainha Santa Isabel, e foi com a rainha D. Constança por sua camareira-mór a Castella, quando celebrou as bodas em Alcaniz com D. Fernando o 4.º, rei de Castella (2), e ficou por tutora dos infantes D. Pedro e D. João, por o mandar a rainha D. Constança, que falleceu em Sahagum (3). Depois a infanta D. Bataça (4), fazendo á sua custa uma poderosa armada, e com muitos soldados navegou para Sines, onde junto della havia uma fortalecida villa, que naquelles dias era habitada de mouros. Juntaram-se com ella muitos cavalleiros catholicos dos logares circumvisinhos, cavalleirosamente a tomou á força d'armas em um domingo, cujo combate foi animosamente combatido, e houve finezas de cavallaria; e por esta bellicosa princeza a ganhar dia do apostolo Santiago, e matar a Cassé, rei mouro della, lhe chamaram a este lugar dahi adiante — Santiago de Cacem.»

No livro das Visitas da dita villa a ff. 159 se acha a seguinte memoria feita pelo dito Ex.º bispo de Béja. — Depois de ter fallado de umas reliquias achadas nas ruinas da velha matriz, continúa dizendo: —

«Povoação antiga e decorada com fidalguia e nobreza, donde derivam, e com as quaes combinam familias nobilissimas do reino: villa de assento levantado, sadio, e rico das melhores produções da terra: villa de muita religião em todas as idades, é o que se me offerece em idéa geral; contrahindo a oração para o assumptó particular, foi esta villa distinguida pela infanta da Grecia D. Bataça. — Neste lugar cumpre dizer desta insigne matrona, cuja ascendencia é como proponho. — Irene ou infanta Lascara, era filha de Theodoro Lascaro, filho de João Bataço, e seu successor no imperio da Grecia, por haver casado João Bataço, principe do melhor daquelle imperio, com Irene, filha de outro Theodoro Lascaro, o 1.º Esta Irene, filha de Theodoro Lascaro, o 2.º, casou em Genova com o conde de Vintemillia, depois que Miguel Paleologo, tutor, tyrannicamente arrancou os olhos ao pupilo João, legitimo herdeiro, e casou a Irene Lascara com o dito Vintemillia. Esta Irene Lascara teve de Vintemillia tres filhas, Violante, Beatriz da Grecia, e

D. Bataça; e com ellas veio para Aragão, no tempo d'elrei D. Pedro, pai da nossa rainha Santa Isabel. — Bataça veio a Portugal dama da rainha Santa, e casou com D. Martim Annes dos de Sevorosa.

«Havendo Bataça creado em Portugal D. Constança, filha d'elrei D. Diniz, sendo sua aia, passou com ella a Castella por sua camareira-mór; e a esta mesma Bataça deu elrei D. Fernando a crear seu filho Affonso undecimo. — Accrescentam os historiadores castelhanos e portuguezes, que D. Constança, filha dos reis de Portugal, e mulher d'elrei D. Fernando de Castella, morrêra de paixão, por lhe tirarem a educação de seu filho, que depois foi rei D. Affonso, e do poder de D. Bataça, que o creava, sendo entregue a seu avô, e aos infantes D. Pedro e D. João. — Os desgostos de Bataça na tutoria d'elrei D. Affonso, a fizeram vir a Portugal; e está enterrada na sé antiga de Coimbra, e os papéis a ella pertencentes se guardam no cartorio da mesma sé, e pôde bem ser que alguns em Alcobaça, porque o chronista-mór do reino, Fr. Francisco Brandão, no que imprimiu, promette dizer muitas mais cousas de Bataça, que por sua morte ficaram reservadas.

«A combinação de Bataça com esta villa de Santiago, aponta Brandão; porque o mestre daquella Ordem, D. Diogo Moniz, fez com Bataça a troca pela villa de Panoias e Santiago de Cacem, da comenda e rendas do logar de Villalar, que D. Bataça tinha em Hespanha, feita a escriptura em 1302 annos. O motivo das doações declara elrei D. Fernando nas palavras que copiou Brandão: — *por la buena crianza que ella fizo em la dicha Reina D. Constanza.* — Bataça, estando senhora do terreno de Santiago de Cacem, cuidou em ennobrecê-lo.

«A igreja promette ser obra sua, pelo menos em reedificação; pois que a reclusão das lasquinhas do Santo-Lenho, segundo as maneiras da igreja grega, em relicario de prata, depositado em columna de marmore, que sustentava a meza ou altar, assim o desengana. — Estas lasquinhas seriam tiradas da grande reliquia do Santo-Lenho que a mesma Bataça deu á igreja (5). Era facil cousa &c. &c. [continúa fallando da reliquia], e mais abaixo diz:

«Comtudo o nome de Cassem do *sitio proximo a Santiago*, é arabe, do tempo em que nelle dominou aquella nação. — Revendo eu as bibliothecas d'Herbelot e Casiri, e outros escriptos com a geographia nubienze, sim acho homens doutos, e imperantes em outros paizes com o nome de *Cassem*; comtudo não encontrei algum nestes sitios, havendo-me persuadido que a povoação Santiago deve este nome ao esforço e serviços daquella Ordem.

Continúa fallando das reliquias, e mais abaixo diz:

«Para ser abonada esta resolução do culto, aponto abaixo as doutrinas e auctores que podem ser consultados. — Começando pelas especies historicas ácerca da vida e acções de Bataça, veja-se Surita Annaes de Aragão L. 3. c. 75. L. 5. c. 105. Monarchia Lusitana L. 18. c. 38.

«Esta memoria offereço &c. &c.

«Béja em 12 de Março de 1799. — Fr. Manuel bispo de Béja.»

Copiámos quasi inteira esta memoria, porque é por ella, e pelos monumentos mencionados, que se pôde saber alguma cousa a respeito da dita villa.

(5) Esta reliquia, descoberta nos entulhos d'um altar da arruinada igreja, é muito venerada pelos habitantes desta villa, e a ella usam recorrer por occasiões de estereis e aturadas sêccas.

(2) Gar. liv. 13. del. com. cap. 27.

(3) Surit. 1. p. liv. 5. in fin.

(4) Res. lib. 4 de ant. Lus.

Agora em quanto aos castellos; qual delles senho-
reava o mouro Cassem, é cousa tão difficil d'ave-
riguar como a sua origem. Talvez para o futuro al-
guma antigualha venha resolver este problema, e
dar mais luz ás conjecturas que a este respeito se
formam.

A. de M. e S.

Usos e costumes singulares.

ABORIGENES DA COLUMBIA (*).

QUANDO os habitantes do velho mundo descobriram
o novo, encontraram nas regiões, que hoje conhece-
mos debaixo do nome de Columbia, duas socieda-
des de indigenas, perfeitamente distinctas. Compu-
nha-se a primeira d'individuos selvagens, feros, an-
thropophagos, habitadores das vastas planicies de
Caracas, Cumana, d'Apure e do Orenoco. Viviam
esses desgraçados povos de fructos agrestes, da pes-
ca e da caça. Na estação das cheias se aglomeravam
nas ramadas das arvores, onde momentaneamente
estabeleciam moradia, á imitação dos macacos. A
difficuldade de correspondencia os dividia em uma
quantidade innumeravel de pequenas nações, diffe-
rindo entre si em costumes e linguagem.

Os homens que formavam o que poderíamos cha-
mar segundo grupo, viviam em um estado adianta-
do, comparavel ao dos antigos egypcios. Habitavam
as partes montanhosas. Foi uma das tres grandes
nações civilizadas que os europeus acharam, espa-
lhadas pelo solo americano, a dos *muyzcas* ou *moz-
cas*.

Os *muyzcas* residiam na provincia de Cundina-
marca. As chapadas de Bogotá eram o centro do seu
poder. Só as tradições fabulosas deste povo basta-
riam para indicar uma sociedade cuja organização
remonta á mais alta antiguidade. Já seus avoengos
existiam, dizem elles, e a lua ainda não era com-
panheira da terra. N'essa epocha os habitantes das
chapadas de Bogotá viviam como barbaros. Anda-
vam nus, ignoravam a arte da agricultura, alimen-
tavam-se de comidas grosseiras, e achavam-se, n'u-
ma palavra, no estado o mais abjecto e deploravel.
De repente, um ancião apparece no meio d'elles;
vinha das planicies situadas a leste da cordilheira
de Chingosa. Trazia barbas crescidas e vestidos,
o que os fez suppôr que pertenceria a raça diffe-
rente. Esse homem tinha tres nomes, mas o de *Bo-
chica* prevaleceu entre os *muyzcas*. Foi quem lhes
ensinou a cultivar a terra, a lavrar, a semear, e
a tirar da colheita todo o partido que a industria
de um povo agricola n'ella póde achar. Feito isso
ensinou-lhes tambem a arte de se vestirem segundo
a differente temperatura das estações; a de edifica-
rem moradas solidas, a de reunirem-se para viverem
em sociedade, socorrerem-se, e ajudarem-se re-
ciprocamente. Tantos beneficios lhe haviam angaria-
do a veneração publica, e nada se opporia a que
elle gozasse d'uma inteira felicidade, se não fosse
a malicia de *Huythaca* sua consorte. Esta malvada
mulher dedicou-se aos mais abominaveis sortilegios
para fazer sahir o rio *Funzha* do seu leito. Então
toda a planicie de Bogotá foi destruida pelas aguas,
a maior parte dos homens e animaes pereceram nes-
se diluvio, e o resto refugiou-se para o cume dos

(*) Vid. a respeito da Columbia o que dissemos tratan-
do de Bolivar, vol. 2.º pag. 348 e 365.

mais altos montes. *Bochica*, indignado, expelliu-a
para longe da terra, o que quer dizer que a man-
dou matar. A tradição accrescenta que ella se me-
tamorphoseou em lua, gyrando incessantemente á
roda da terra para expiar seu crime. *Bochica* que-
brou os rochedos que fechavam o valle do lado de
Canoas, e de Tequendama, para facilitar o esco-
amento das aguas; reuniu os homens dispersos, en-
sinou-lhes o culto do sol, e morreu cheio d'annos
e de gloria.

Faremos aqui observar, que esse ultimo acto do
poder de *Bochica* explica, no pensamento dos *muyz-
cas*, o phenomeno da celebre cascata de Tequenda-
ma, onde se precipitam as aguas de uma altura de
mais de oitenta braças.

Esse culto do sol e da lua entre os aborigenes
destas regiões é tambem attestado por monumentos
de grande interesse para a historia. Taes são os ro-
chedos de granito das solidões do Orenoco, em Cay-
cara, Urbana, perto do Rio-Branco, e do Cassiquiá-
re. Vêem-se ahi esculpturas de alta antiguidade,
que representam, quasi á maneira dos egypcios, as
imagens do sol e da lua, assim como serpentes, cro-
codilos, tigres, e diversos instrumentos ou utensí-
lios caseiros, &c.

Outros monumentos depõem tambem a favor da
antiga civilização dos povos achados no solo da Co-
lumbia. Vê-se, por exemplo, nos arredores de Cuen-
ca, no departamento do Assuay [hoje republica do
Equador] os magnificos vestigios da antiga calçada
construida pelos Incas, ou soberanos do Perú, e a
fortaleza de *Cánar* ou *Ingapilca*. É um muro de mui
grossas pedras de cantaria lavrada, que fórma um
oval, cujo eixo maior tem mais de 150 palmos de
comprimento. No centro acham-se as minas de uma
pequena casa, cuja idade iguala á da fortaleza. Es-
te monumento está situado em uma assentada sobre
um pequeno morro. — Os arredores de Latacunga,
sobre a vertente do Cotopaxi, são igualmente cele-
bres pelos restos de dois monumentos peruvianos:
o *Panecillo* e a *Casa do Inca*. O *Panecillo* ou *Pão*
d'Assucar, é um tumulo conico, que devia ter ser-
vido de sepultura a alguma grande personagem. A
casa do Inca é um vasto edificio quadrado onde
ainda se vêem quatro grandes portas exteriores, oi-
to cameras, dezoito nichos distribuidos symetrica-
mente, e alguns cylindros proprios para pendurar
armas.

O governo dos *muyzcas* era uma monarchia abso-
luta. A auctoridade do seu chefe supremo, o zaque,
não era moderada senão pela do supremo pontifice.
O primeiro residia em *Iroca*, o segundo em *Tunja*.
Havia em *Samagoso* um templo do sol ou de *Bochi-
ca*, que os devotos iam visitar em peregrinação, e
onde se celebrava, todos os quinze annos, um sa-
crificio humano. A victima era um menino tirado á
força da casa paterna em uma aldéa do paiz conhe-
cido hoje pelo nome de *S. Juan de los llanos*. Era
o *guesa* ou o vagabundo, isto é a creatura sem asi-
lo; e entretanto criavam-o com grande cuidado até
á idade de 15 annos. Este periodo de 15 annos fór-
ma a indicção chamada dos *muyzcas*.

Então o *guesa* era conduzido em procissão pelo
suna, nome dado ao caminho que *Bochica* havia se-
guido na epocha em que vivia entre os homens, e
chegava assim á columna que servia para medir as
sombras equinociaes. Os xéques, ou sacerdotes mas-
carados á maneira dos egypcios, figuravam o sol,
a lua, os symbolos do bem e do mal, os grandes
reptis, as aguas, e as montanhas. Chegando á ex-

tremidade do *suna*, a victima era amarrada a uma pequena columna, e morta a frechadas. Os xéques recolhiam-lhe o sangue em vasos sagrados, e arrancavam-lhe o coração para o offerecer ao sol.

Este povo tambem é celebre pelo uso dos hieroglyphos, e pelo seu calendario lunar, gravado sobre uma pedra que foi descoberta pelo fim do 16.^o seculo. Sabe-se alem d'isso que havia tres especies d'annos, e por conseguinte tres calendarios. O primeiro anno era ecclesiastico, e compunha-se de 37 luas: o segundo era civil, e contava-se por 20 luas; o terceiro era o anno rural de 12 a 13 luas. Entre os muyzcas as luas se dividiam em semanas de tres dias.

Depois do descobrimento do novo mundo, diversas nações deste continente se appressaram a enviar para lá colonias. Os inglezes e francezes povoaram as costas, os castelhanos foram aos Andes, e até ousaram subir a montanha. Viram na Cundinamarca, sobre a planicie de Bogotá, e em Quito, os vestigios de uma antiga civilização, e trataram com esses povos illustrados, que se lhes submetteram, para formar um imperio florescente. Os primeiros não haviam encontrado senão tribus ferozes e hordas selvagens que fugiam diante dos recém-chegados, e recusavam a civilização que se lhes offerencia.



MOYSÉS.

O LEGISLADOR do povo hebreu, Moysés, era um israelita da tribu de Levi, filho de Amram e Jochebed (1); nasceu no Egypto no anno de 1571 antes de Christo, conforme a vulgar chronologia. Sua mãe para o esquivar ao infanticida edicto de Pharaó, o expoz, contando apenas trez mezes, em uma cestinha ou berço de vimes sobre as aguas do Nilo (2). Ahi o encontrou uma filha de Pharaó quando tomava o banho, e compadecida o salvou e mandou criar, dando-se a circumstancia de ter o menino por ama sua propria mãe, pelo que nunca se pôde dizer separado do povo escolhido. Foi educa-

(1) Exodo. cap. 2.^o—1.^o—; cap. 6.^o—19.

(2) Ex. cap. 2.^o

do na cõrte, onde aprendeu toda a sabedoria dos egypcios (3). Na idade de varão concebeu a idéa de resgatar do captiveiro o povo seu consanguineo, e presenciando o máu tratamento que um egypcio dava a um israelita, matou aquelle, e o enterrou na areia: querendo porem no dia immediato conciliar dois hebreus mal avindos, em vez de acceitação achou repulsa, e lançaram-lhe em rosto a morte do egypcio: não recebido do seu povo, e temeroso da vingança dos estranhos, fugiu para o paiz dos madianitas na Arabia Petrea, onde pastoreou rebanhos, e tomou por mulher a filha de Jethro, sacerdote daquelle paiz. — Guiando os gados de seu sogro nos descampados do Sinai, appareceu-lhe Deus no monte Horeb, em meio da çarça incombusta, ordenando-lhe que voltasse ao Egypto, e se collocasse á testa da gente de Israel, servindo-lhe de conductor para a promettida terra de Chanaan. Era Moysés tardo no fallar, e por isso lhe deu o Senhor por companheiro o irmão delle Aarão, que se explicava bem. Acceitou Moysés a missão por obediencia, e pelo flagello das dez pragas constrangeu o Pharaó, que então reinava, a consentir na partida dos israelitas; e quando aquelle principe enfurecido os perseguiu na retirada abriu as aguas do mar-vermelho, que depois da livre passagem franqueada ao povo dilecto se reuniram afogando os perseguidores. — Acampados nas raizes do Sinai, o Senhor lhe promulgou a lei: por quatro decennios continuou a guia-los na dilatada peregrinação, pelos patriarchas annunciada; e tendo nomeado a Josué por seu successor, falleceu de 120 annos no monte Pisagh, do lado oriental do Jordão, de cuja summidade lhe foi permittido avistar a Terra da promissão; ficou seu corpo no paiz de Moab, e o logar exacto da sua sepultura permaneceu desconhecido: como se lê no Deuteronomio, ultimo capitulo; e tambem na epistola catholica do apostolo S. Judas, onde o v. 9.^o é o seguinte: — Porem Michael o archanjo, quando contendia com o diabo, e tratava do corpo de Moysés, não ousou a contra elle pronunciar juizo de maldicção; porem só disse: o Senhor te redargua.

O Pentateuco, isto é os cinco primeiros livros biblicos, foi escripto por Moysés, menos o 34.^o cap. do Deuteronomio, em que se trata da morte do mesmo legislador: deduz-se isto de um grande numero de passagens dos mesmos livros; alem de que a harmonia que entre elles se nota suppõem o mesmo escriptor. As noticias, que encerram em materias historicas e geographicas, especialmente relativas ao Egypto e Arabia, e sobre historia natural, artes, e sciencia militar, conformam com todas as noções que podêmos formar do estado das cousas nesse periodo remoto, descriptas como era de esperar de um homem que fõra educado na cõrte egypcia, e que depois se empenhára em dirigir uma nação inteira por meio de desertos no espaço de quarenta annos. A linguagem é a mais antiga hebraica que se conhece: o estilo dos canticos annuncia a sublimidade caracteristica da primeira poesia de um povo. A disposição da materia offerece interrupções ou saltos, ora narrações, ora leis e regulamentos; e assim havia acontecer a quem escre-

(3) Lê-se nos *Actos dos Apost.* — cap. 7.^o do v. 20 em diante — No qual tempo nasceu Moysés, e era mui formoso, e foi criado tres mezes em casa de seu pai. — E sendo engeitado, a filha de Pharaó o tomou e o criou para si por seu filho. — E foi Moysés instruido em toda a sabedoria dos Egypcios; e era poderoso em ditos e feitos.

vesse na situação de Moysés: a selecção dos materiaes parece feita na intenção de recordar tudo o que era immediatamente connexo com a legislação, alvo principal de Moysés; e vê-se que as leis são repetidas, algumas, mais de uma vez, e outras modificadas no decurso da obra, o que manifesta a interpolação dos periodos, em que foram lançadas por escripto: tudo indica que o legislador e o historiadador eram a mesma pessoa.

O Pentateuco traz entre nós seu nome de origem grega, porque significa cinco volumes. Era a parte do Velho Testamento, unica reconhecida pelos samaritanos, oppositos por nacionaes preconceitos e usos aos judeus propriamente ditos. Os samaritanos o conservaram, ao que elles diziam, intacto das corrupções das copias hebreas: o caso é que nos dois textos ha respectivamente differenças notaveis. O Pentateuco samaritano só foi bem conhecido na Europa, depois que o arcebispo Usher e Pietro della Valle obtiveram genuinas copias extrahidas no oriente: acha-se na Biblia Polyglotta de Morino, donde passou para a de Walton. Deu-o tambem á luz o Dr. Blayney em caracteres hebreus em Oxford, anno de 1790. O original é em samaritano, isto é a mais antiga escriptura hebraica.

O Bono.

1128.

X.

Generosidade.

ACOMPANHANDO o conde de Trava, Garcia Bermudez atravessou a serie dos aposentos que precediam o quarto da rainha, até uma pequena sala immediata á antecamara real. Apenas os dois cavalleiros chegaram alli, um donzel que estava em pé junto da porta fronteira á da entrada, afastando um rico panno que mascarava esta, e curvando-se respeitosa-mente, proferiu algumas palavras que os dois não perceberam. Pouco tardou que D. Thereza apparecesse: trajava ainda o vestuario esplendido com que assistira ao banquete, e a viveza desacostumada que conservava no olhar, fazia crer que a irritação do seu espirito, despertada pelas ultimas novas recebidas do arraial do infante, não havia inteiramente cessado. O numeroso séquito das suas donas e donzellas não a acompanhava, e com tremor involuntario Garcia notou que Dulce era quem unicamente a seguia.

Apenas entrou, a rainha encaminhou-se para os dois, que successivamente lhe beijaram a mão ainda formosa. Depois, dirigindo-se a Garcia Bermudez, mas voltando rapidamente os olhos de quando em quando para o conde, lhe disse:—

«Cavalleiro, leal é o teu coração; o teu braço esforçado, tua condição nobre e altiva: por isso te escolhi para alferes da minha hoste. Houve um tempo em que a filha d'Affonso de Leão mal soffrera que outra voz differente da sua surgisse no meio do silencio dos cavalleiros de Portugal attentos ao brado de accommetter. Esse tempo já lá vai! — Hoje não sou mais que pobre viuva a quem filho ingrato quer privar da herança que recebi dos reis de quem descendo. Á ti e ao nobre conde de Portugal e Coimbra pertencê o salvar-me. Elle será o teu primeiro homem d'armas, e como elle todos os que ainda não desmentiram o preito que me devem, te obedecerão. Assim começo eu a provar-te quanto

préso um dos mais illustres cavalleiros d'Hespanha.»

A rainha fez uma pausa. O alferes-mór aproveitou aquella interrupção — e respondeu visivelmente perturbado:—

«De mais, senhora, me tendes provado a vossa talvez infundada estima: maior do que a realidade me tendes feito acreditar o esforço do meu braço. Encontrando por vós uma honrada morte no campo de batalha eu só poderei mostrar que era pela lealdade, se não digno de tantas honras, ao menos digno da vossa confiança.»

«Não fallemos de morte! atalhou D. Thereza. Taes pensamentos são de máu agouro nas vespervas de combater. A tua vida me é cara, e brevemente ella te não pertencerá toda a ti. A mais grata recompensa da tua lealdade, alferes-mór de Portugal, vais tê-la.»

D. Thereza tomou então pela mão a filha de D. Gomez Nunez, e fazendo-a adiantar alguns passos, proseguiu:—

«Esta é a recompensa!»

O conde que preparára aquella scena, dava todos os signaes de contentamento ao vêr o espanto de Garcia Bermudez, que recuára ao ouvir semelhantes palavras. Fernão Peres obtivera com grande difficuldade que D. Thereza assim constrangesse Dulce a dar a mão d'esposa a um homem que não amava. Não lhe escondêra elle que isto era uma violencia; e sem o desgraçado dominio que tinha no coração da rainha as suas diligencias sahiriam baldadas. Por isso com sobeja rasão exultava.

Uma pallidez mortal cobrira o rosto de Dulce ao ouvir as palavras da sua mãe adoptiva, que lançára para ella o olhar que o algoz noviço volve para a sua victima antes de desfechar o golpe. A rainha sentiu-lhe palpitar o terror na mão que tinha apertada na sua.

«Oh senhora! — murmurou a donzella alevantando os olhos para a rainha, com uma inflexão de voz tão meiga, tão tímida, e tão dolorosa, que a bella infanta sentiu apertar-se-lhe o coração.

«Vamos, formosa Dulce, — interrompeu Fernão Peres, que lêu no gesto de D. Thereza o vacillar da sua alma — sê connosco sincera. São mal cabidas aqui palavras fingidas de desamor. — Certo que tu suspiravas pelo momento em que podesses chamar teu um dos mais gentis e esforçados cavalleiros d'Hespanha. Esse momento chegou.....»

«Mas, ... senhor conde!» — interrompeu balbuciando o alferes-mór.

«Basta, Garcia Bermudez — proseguiu o conde, carregando o sobrolho. — És meu amigo, e a mui excellente rainha offerece-te para mulher a sua filha adoptiva, a herdeira do nome dos Bravaes. Não é digna de ti? Não és tu digno della? Esta união prender-te-ha mais, se é possível, á terra que tomaste por patria — e eu assim t'ordenô. Sei que era esse o pensamento contínuo do teu espirito, o alvo a que tendiam todos os affectos do teu coração?»

O leitor conhece já o caracter de Dulce: o primeiro instante de uma situação arriscada era para ella o da fraqueza mulheril — mas era só um instante. Mediu o abysmo que se lhe abria debaixo dos pés.. Um dia mais, e estava salva! — Era necessario resistir: era necessario colligir todas as forças da sua alma. Trémula, mas com energia, atalhou Fernão Peres:—

«Não, senhor de Trava! Aquella que foi segunda mãe de Dulce; aquella que sempre se lhe mostrou generosa e indulgente; a rainha de Portugal,

tem direito a dispôr da sua mão; tem direito a recalcar-me no fundo d'alma todos os affectos, a fazer-me devorar em silencio as minhas lagrymas. Se não podesse dobrar-lhe a vontade, se ella fosse inflexivel, obedecer-lhe-hia.... ou morreria talvez! — Mas vós, senhor conde, qual é vosso titulo para constranger minha vontade? Fostes vós que honrastes o solar dos Bravaes? recebeu D. Gomez Nunez algum préstamo de vossa mão? Que vale que vós digaes: — ordeno-o — se eu, nobre, e livre, se eu, neta dos godos, vos responder: — não será?

A rainha olhava attonita para Dulce, cuja pallidez e voz trémula desmentia a resolução das suas palavras. O furor do conde, cujo animo os acontecimentos d'esse dia tinham sobejamente irritado, ouvindo aquellas expressões, que tocavam as raias do desprezo, rebentou subitamente. Esqueceu-se do fingido respeito que em toda a parte mostrava pela rainha, e principalmente na sua presença, para só se lembrar de que realmente elle era o verdadeiro senhor nos paços de Guimarães, desde que D. Thereza lhe entregára corpo e alma.

«Quem é que ousa aqui dizer — não será — ao conde de Portugal e Coimbra? — bradou elle com um rugido feroz que fez tremer a donzella. — Quem ousa nestes paços resistir á minha vontade? — E depois de uma breve pausa, proseguiu, dando uma risada: — Ah, sois vós nobre herdeira dos Bravaes! — vós a que não tendes nenhum préstamo de minhas mãos! Sois vós a que recusais obedecer-me?... Depois de outra vez ficar alguns momentos callado, continuou em tom de mofa: — Podeis, senhora poderosa, ordenar que soem as trombetas e timbales nos vossos castellos e honras, que os vossos alcaides juntem os cavalleiros, os vossos villicos os bésteiros, archeiros e fundibularios; que os vossos alferes desenrolem os balsões dos Bravaes, para marcharem contra o misero conde de Portugal em lide d'homizio! Não, senhor de Trava!? — Sim, vos digo eu, donzella! Sim, que é força assim seja! Dizei-me só por muita mercê: é o pudor virginal quem vos obriga a regeitardes a mão de tão gentil cavalleiro?»

Fernão Peres cruzou os braços, e cravou na donzella o seu olhar de girifalte. Dulce aterrada com as palavras e gestos daquelle homem orgulhoso, tinha cahido de joelhos aos pés da rainha, e apertando-lhe com as mãos convulsas a barra do epitogio, exclamou: — oh, salvai-me, salvai-me!»

Dolorosa era a situação de D. Thereza. Amava sinceramente Dulce; mas entre ella e o conde havia laços que não podia, que não quizera quebrar. Aquellas expressões insolentes de Fernão Peres, a audacia com que elle substituiu a propria vontade á sua, tinham uma significação terrivel; despertavam-lhe recordações e remorsos! O primeiro impulso do seu espirito altivo foi a indignação; mas a vergonha, talvez o temor, lhe embargou o manifesta-la. Abaixou o rosto, e duas lagrymas lhe escorregaram pelas faces.

O alferes-mór, porem, a fez sahir daquelle estado violento.

«Não — disse elle approximando-se de Dulce: não serás minha victima! — Garcia Bermudez nunca se esquecerá do dever de cavalleiro. Seria acaso a minha vida mais risonha possuindo-te, quando o teu coração.... me regeita? — Sé livre! — Recuso a posse de Dulce, rainha de Portugal!»

A pobre donzella largou os vestidos de D. Thereza, e pegando na mão do cavalleiro beijou-a soluçando!

«Eu te amarei como um irmão! — exclamou ella. — Eu te adorarei como um Deus. Oh! tu sabes que só assim...»

«Silencio! .. interrompeu nobremente o cavalleiro; porque percebeu que Dulce na agitação em que se achava ia trahir-se a si propria, e revelar o seu segredo.

O conde continuava a contemplar esta scena com os braços cruzados e com um riso cruel nos labios. Dirigindo-se então á rainha proseguiu no mesmo tom de ironia amarga: —

«Bem se vê, senhora, que o vosso alferes-mór foi armado cavalleiro pelo Cid Ruy Dias. Guarda puras as tradições daquelle espelho brilhante de todas as cavallarias. Mas eu, fraco mortal, que não ponho tão alto a mira, penso mais tranquillamente! Garcia Bermudez! — Dulce! — escutai o que vos digo: são as minhas derradeiras palavras. Amanhã a estas horas o alferes-mór de Portugal terá uma esposa, e esta esposa será a nobre e rica herdeira dos Bravaes.

E voltando-se para D. Thereza ajoelhou, beijou-lhe a mão, e disse: —

«Espero que a mui excellente rainha no momento em que vai recolher-se á sua camara, permittirá que o mais leal dos seus vassallos se retire tambem para não perturbar os colloquios de dois amantes na vespera do seu noivado.»

A inflexão que o conde dera a estas ultimas phrases tinha o que quer que era atroz e diabolico. D. Thereza estremeceu como sacudida por uma corrente electrica, e atravessando vagarosamente a sala desapareceu.

Fernão Peres encaminhando-se para o lado opposto, ouviu Garcia Bermudez repetir com voz firme:

«Não: tu nunca serás minha!»

O conde voltou a cabeça sem parar, encolheu os hombros, e sahiu.

Dulce, que ficára na postura em que se achava com a mão do alferes-mór entre as suas, e a fronte pendida sobre ella, levantou então os olhos, e fitou-os no cavalleiro: o rosto deste era solemne e triste:

«Estás satisfeita, Dulce?» — perguntou o aragonês.

«Tu és bom e generoso, Garcia! — tu és bom e generoso! murmurou a filha de Gomez Nunez. — Podéra eu offerecer-te um coração ainda virgem! Oh, de quanto amor eu cercaria os teus dias!»

«Basta! — interrompeu o cavalleiro perturbado. — Que te importa, anjo do céu, se ao passares na terra os raios da tua luz devoraram uma existencia? Que importa?! Oh que nesta idade de vida e de esperanças custa muito a morrer!»

O alferes-mór levou as mãos ao rosto. Era porventura uma lagryma — e o mancebo envergonhava-se dessa lagryma neste doloroso momento; porque não era só doloroso, mas tambem grave e solemne.

«Oh Garcia, Garcia! — replicou Dulce. — Qual gratidão poderá exceder a nossa para contigo?! Tu me salvaste e o salvaste a elle. Egas, ser-te-ha amigo, irmão, servo....»

«Que nome sahiu da tua boca?! — bradou o aragonês com olhos subitamente accesos de furor. — Irmão! amigo! Amaldiçoada a hora em que entre nós se dissessem essas infernaes palavras! Cuidas tu que o amar-te, a ponto de renegar da minha alma, da minha perpetua felicidade, é não o detestar a elle?... Aqui apertando com força o braço de Dul-

ce e fazendo-a erguer, continuou com voz presa. Olha, Dulce, — amanhã ... Mas não! ... Se a sua vida fôr assaz larga para te possuir ... e essa vida provará talvez que elle é um covarde dize-lhe que se algum dia duas hostes estiverem frente a frente em lide ou arrancada, e eu fôr em uma, e elle n'outra, que fuja do sitio onde vir esvoaçar o balsão de Garcia Bermudez Que fuja! — porque ha ahi uma espada que tem sêde do seu sangue; porque ha ahi labios que lh'o beberiam; porque bate ahi impetuoso o coração de um seu inimigo mortal! — E dize-lhe mais ... que este inimigo sou eu! — dize-lhe que não ha sobre a terra um lugar onde caibam elle, eu, e o meu odio!»

Proferindo estas palavras, o gesto do cavalleiro estava demudado. Affastou de si a donzella com violencia, e dirigiu-se rapidamente á porta dos aposentos exteriores.

Um gemido de profunda agonia bateu ainda nos seus ouvidos ao atravessar a sala immediata; e o desgraçado fugiu. Arrastava-o a desesperação.

Aquelle gemido partíra do seio de Dulce, que dera em terra como se fôra morta.

(Continuar-se-ha).
(A. Herculano).

GONÇALO HERMIGUEZ.

Não basta o movimento, nem a rapidez das acções. Não basta a importancia dos acontecimentos, nem o brilho e a transcendencia dos factos para fazer desaparecer do quadro de uma epocha historica a monotonia, que repelle por vezes a attenção, cançando o espirito e afrouxando o interesse no leitor. Proezas da mesma especie, façanhas do mesmo genero, sentimentos sempre os mesmos, e produzindo casos só diversos nos logares e nos tempos, dão a semelhantes quadros uma tinta uniforme, que os destitue da graça, e, por assim dizer, da vida, proprias para alimentar a imaginação. Se isto é verdade em relação á historia de todas as epochas, mais o é ainda na historia dos povos semibárbaros, dominados por um sentimento unico, empenhados n'um esforço sempre o mesmo, e apresentando, por consequencia, a cada passo, caracteres semelhantes, estímulos identicos, e resultados sensivelmente uniformes. O espirito, na presença de taes quadros, admira por vezes o complexo das imagens, attinge n'um momento a vastidão dos resultados, mas descendo aos promenores, e achando em todos elles uma physionomia commum, não tarda em experimentar tedio neste exame, e anheila por encontrar uma fórma, uma gradação de côr diversa que o reanime. Acontece-lhe aquillo mesmo que ao viajante nas planícies. Bella, e por vezes sublime, é a impressão primeira! A vastidão, a regularidade impõem um momento pela sua grandeza; mas bem depressa a vista fatigada perscruta, com uma especie de impaciencia, a borda illimitada do horisonte, em busca de um cume, de uma protuberancia, de uma saliencia angulosa, que córte, que interrompa a sua acabrunhadora uniformidade. No momento em que este objecto distincto apparece, a attenção fixa-se sobre elle: a imaginação presta-lhe atavios, que as mais das vezes elle não possui, e reagindo sobre os órgãos, faz vêr gracioso e bello, nestas circumstancias, o mesmo objecto que em outras parecêra vulgar, e sobre o qual a vista houvera passado inattenta.

Raras batalhas, amiudados e quasi continuos combates entre christãos e mouros: assedios, surpresas, tomadas e retomadas de torres e de castellos: atrevimentos e arrojados de audacia, de tenacidade e de perseverança, uma e muitas vezes repetidos, nas terras montanhosas de entre Minho e Douro, de entre Douro e Têjo, ou nas planícies elevadas de entre Têjo e Guadiana, formam em geral o quadro, sobremaneira interessante, pelos seus resultados, pela sua importancia intrinseca, mas até certo ponto monotono, da vida e feitos do fundador da monarchia portugueza. Alguns factos, porem, destacados da tinta commum, ornados d'um colorido e de atavios d'outra especie, e mais analogos a outras idades, surgem, como adornos vivificantes deste quadro, e sobre elles é por certo grato á imaginação fixar-se, e licito á penna chamar por um momento a attenção dos leitores.

Um homem, menos rude que os seus companheiros, por isso mesmo que ao valor e ás forças de um Mendes da Maia, ao genio destemido de um Giraldo, e de tantos varões fortes daquella idade, unia o fogo do coração, a amenidade de espirito, que, em epochas mais civilizadas, tanto prenderam as musas á nossa terra; Gonçalo Hermiguez, a quem seu braço ganhára o appellido de Terror dos mouros, brilhava na córte, ou antes nos arraiaes d'Afonso Henriquez. Precioso seria se á mão destructora do tempo houvessem escapado esses primeiros gorgeios do canto nacional, esse accento, essa melodia, por certo então novissima para os nossos echos, e talvez mais familiar ainda, naquella epocha, aos agarenos, já então degenerados, do que a seus rudes vencedores. Achar-se-hiam alli, sem duvida, modelos da dicção a mais polida daquelles tempos; costumes e imagens que, por assim dizer, nos fariam assistir ao viver e sentir usual daquellas eras. Tudo, porem, consumiu o tempo: tudo se perdeu na nevoa inseparavel daquellas idades rudes, e de toda a poesia d'Hermiguez só nos resta a parte eminentemente poetica da sua historia. Não a procuraremos appresentar alterada, não lhe juntaremos atavios estranhos, deixar-lhe-hemos as suas côres, a sua simplicidade proprias, porque o contrario seria, em quanto a nós, retocar com pincel grosseiro o quadro original, pertendendo abrilhantar com tinta pretenciosa a singella e antiga luz do painel primeiro.

Em um dos curtos intervallos, que a guerra concedia raras vezes ao fundador da monarchia, intervallos mais depressa empregados em preparar os meios de levar ávante novas empresas do que em descansar de fadigas já passadas, o filho de Hermigo Gonçalves [que encontrára a morte na batalha de Ourique] desejoso de accrescentar o nome que entre os seus já possuia, passou-se com alguns contrraneos ao sul do Têjo, com o projecto de arrancar aos mouros, e de entregar a seu rei e senhor, algum desses castellos, nucleo e refugio do poder dos contrarios. Consta-nos que a sua attenção se fixára sobre o castello de Almada, sobranceiro ao Têjo, logar demasiado conhecido para que delle juntemos uma descripção prolixa. A força com que os sarracenos occupavam a praça não permittia a Hermiguez, e á pouca gente de seu mando, leva-la á força descoberta, o que resolveu o soldado a tentar apoderar-se della por cilada. Talvez ao desejo de mais illustrar seu nome, accrescesse na alma de Hermiguez o intuito, não menos natural, de vingar a cada instante, no sangue dos infieis, o sangue do

pai vertido na grande batalha. É mais que provavel que n'uma alma energica, sensivel e ardente qual a de Hermiguez, mais de uma paixão, mais de um sentimento obrassem a um tempo, e o determinassem a sahir das sendas vulgares.

Seja como fôr, o soldado, conhecedor dos usos e costumes dos seus contrarios, soube aproveitá-los no intuito meramente militar, que o conduzia ante Almada; mal cuidando que, na occasião em que só buscava um laurel para a corôa de soldado, enlaçaria nella o myrto do amor, e accrescentaria mais uma corda á lyra suave, desgraçadamente perdida, mas cujos sons ouviam com deleite os seus rudes companheiros.

Costumavam os mouros, na epocha do estio, e particularmente no dia de junho em que a igreja celebra a festa do Baptista, pôr de parte os trabalhos, e fadigas ordinarias da vida; e joviaes, ao modo do seu tempo e costumes, sahir ao campo e entregar-se á folgança de seus usos. Alli gozavam, ou dispersos ou reunidos, segundo o pedia a inclinação de cada um, a viração fresca das primeiras horas do dia, tão grata no estio aos habitantes dos climas meridionaes, esse ar matutino das praias do Têjo, mais depressa morno do que frio, e que, soprando da parte do oceano, precede a hora em que o norte rijo e fresco vem deslizar as aguas do rio formoso, na parte onde se confundem com as dos mares, entre as alturas fronteiras de Lisboa e Almada.

A segurança, a paz, a tranquillidade e gôzo, a alegria e a dissipação que, quaesquer que sejam os costumes e indole dos povos, quaesquer que sejam as fórmas que lhes dê o progresso da civilização, são sempre acompanhadas do desleixo, do abandono e carencia de outros cuidados, entretinham os mouros de um e de outro sexo, contemplando, cada um a seu geito, as límpidas aguas do rio, em que se reflectiam a margem escarpada, as cristas distantes das montanhas do norte, e os cumes meridionaes da serra da Arrabida, descendo pouco a pouco ao mar, até perder-se nas ondas no cabo extremo entre a foz do Têjo e a embocadura do Sado.

De repente turva a alegria o grito tão conhecido da guerra. Brilham de subito as espadas de Hermiguez e dos companheiros. Velhos, homens, manebos, matronas e donzellas precipitam-se para as portas do castello. Buscam refugio no interior das muralhas. O filho robusto ampara na fuga o pai já proecto e pezado: a mãe carinhosa corre, apertando contra o peito o fructo novel de suas entranhas, em quanto arrastra outro, quasi pendente da mão que treme. Aquella clama pelo esposo que perdêra: aquelle pela amante que lhe escapára. A privação das armas torna impraticavel a resistencia. Hermiguez carrega sobre os fugitivos, impellindo-os ante si, mais com os clamores do que com os golpes; porque repugnára a peito tão generoso empregar força contra a fraqueza; nem lhe deslembra a lei fundamental de cavalleiros, que anathematizára com a infamia a espada que manchára sangue feminil.

O tropel fugitivo procura debalde recolher-se aos muros. O temor e o susto calam o sentimento, tornando egoista a turba escapada. Fecham-se as portas da fortaleza, negando toda a esperança de refugio aos que de fóra ficaram. Cessa desde então o clamor dos vencedores. Um silencio profundo, silencio como o de morte, exprime o desalento e paralyia dos vencidos. Entregam-se sem resistencia ao captiveiro, e vão ser conduzidos pelo christão

triumphante ao monarcha que o aguarda nos muros de Santarem.

Porem um cavalleiro armado apparece de subito no meio da turba. Ninguém viu donde sabira, ninguém sabe a intenção que o guia. Chamejam fogo os seus olhos, reflecte o sol o gume polido do seu alfange. Apparecer, vibrar a espada como um relampago, arrancar aos vencedores a mais formosa das captivas, monta-la nas ancas do ginete coberto de espuma, fexar esporas e partir como o raio, é mais breve de executar que de dizer-se. Mas um trovão responde a outro trovão: mas um corisco segue a outro corisco: Hermiguez voa sobre o mouro: chocam-se os cavallos: cruzam-se as espadas, e o campeão da cruz recolhe, no mesmo instante, a victoria e a preza (*).

Assim cahiu, ou antes, assim veio aos amantes braços de Hermiguez a suave, a formosissima Oriana. Os rendimentos do cavalleiro, a magia suave da expressão do poeta, o influxo divino, trajando, nesta circumstancia rara, em vez das asperidades, com que por vezes se manifesta, todas as galas, toda a fragrancia e primor das flôres terrenas, obraram na alma sensivel da gentil agarena. As candidas vestes baptismaes, graciosamente unidas com a alvura do véu das virgens, com a candida assucena da modestia pudibunda, acompanharam ao altar de hymeneo a triplice captiva. Foi ella as delicias do sensivel Hermiguez, foi ella o objecto predilecto do seu canto. Aos echos das montanhas portuguezas ensinou o primeiro cantor o suave nome de Oriana, e quando, depois que a morte lh'a arrancára, se separou do mundo, votando-se á piedade e ao retiro, por vezes lhe ouviram as frescas aguas do Nabão, em que merencorio fixava os olhos arrazados de pranto [que expressivo é o pranto da saudade nos olhos do soldado!] ouviram-lhe, digo, as aguas e as margens da corrente esse nome tão caro da sua metade, da sua inspiração, da sua musa, cortar-lhe de quando em quando os ultimos accents de cysne moribundo, que votára á devoção, á penitencia, e não menos á saudade!

Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque.

O penhasco que balancêa. — Junto a Castres no departamento francez dito do Tarn existe um enorme volume de pedra, que terá 360 pés cubicos e o peso de 600 quintaes; é de fórma irregular, porem mais similhante á de um ovo apumado sobre uma das extremidades: está postado á borda d'um grandissimo rochedo na ladeira de uma eminencia. Por mui avultada que parçça mole tamanha, saiba-se que basta simplesmente a força de um homem para lhe incutir certo movimento vibratorio; e recebendo o primeiro balanço, o repete sensivelmente por seis ou sete vezes. Ousaram presumir alguns que este penhasco, ao qual de algum modo podêmos chamar oscillatorio, foi assim posto em equilibrio sobre o que lhe serve de base por trabalho e industria humana; e accrescentaram que seria alguma das celebradas pedras druidicas, symbolo da antiga religião das Gallias em tempos barbaros. Não é o unico, que assim balancêa; outros se tem deseoberto com a mesma e grandemente notavel circumstancia; é porem de todos e sem comparação o mais volumoso.

(*) Temos em metro, no estilo de xácara, este facto romanceado por outra penna. Vid. o n.º 44 desta 2.ª Serie.